

Até que a morte não separe: o amor para além dos túmulos seridoenses

BRUNO RAFAEL DOS SANTOS FERNANDES*

LOURIVAL ANDRADE JÚNIOR**

*De tudo, ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento [...]*¹

Ah, o Vinícius! Sempre a cantar e a escrever sobre o amor. Aquele amor que ataca os incautos corações das moçoilas e dos rapazes que desfrutam o auge de sua juventude. Os poetas bem escreveram sobre o tema e ajudaram a permear de romantismo a mente de seus leitores. No entanto, nada existia de tão trágico para um amor correspondido do que a morte do companheiro ou da companheira. Já bem avisava o sacerdote: “até que a morte os separe”. Mas, será que realmente separa?

Apresentando o casamento como um dos núcleos da discussão, este trabalho tem por objetivo realizar uma análise específica sobre as representações dos casais nas fotografias dos túmulos dos cemitérios do Seridó. Além da referida análise, trazemos também, a fim de enriquecer o artigo, algumas imagens que demonstram a afinidade sensível do seridoense para com o casamento, a perpetuação dessa memória matrimonial e, como nos deixa transparecer as fotografias, ao amor para além do túmulo.

Um palco sentimental

*Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento*²

Muito mais que um depositário de ossos e mármore, o cemitério é um palco onde os sentimentos e a memória se apresentam como protagonistas da relação entre os

* UFRN/CERES – Graduando – Curso de História

** UFRN/CERES – Doutor - orientador

¹ Fragmento do poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

² Fragmento do poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

vivos e os mortos. Sendo a última e infalível parada do ser humano, esse espaço faz aflorar o imaginário social, que muitas vezes acaba por mistificá-lo ou dotá-lo de uma aura negativa. Mais que isso, a palavra cemitério, para os não entendidos do assunto, parece ser um sinônimo de estagnação. A historiografia já nos dá nota de que esse pensamento não corresponde mais à realidade apresentada pelas pesquisas.

O campo santo tornou-se, notadamente a partir da década de noventa, uma peça-chave para a compreensão de determinadas práticas e sensibilidades da sociedade. O cemitério é um espaço que está imbuído de experiência humana e de possibilidades – desde devoções a certos defuntos com propriedades especiais, ao trabalho de ambulantes que utilizam o espaço para vender flores, velas, santinhos de gesso, etc. Para nos situar nessa discussão, Maria Rocha afirma que “o cemitério congrega mortos e vivos, pois além de servir de morada aos primeiros, é local de constantes visitas dos segundos, que ali vem demonstrar, através de velas e orações, seus sentimentos de pesar pela ausência dos entes queridos.” (ROCHA, 2005: 101)

O cemitério nos interessa. Mais do que o espaço, os que habitam o subterrâneo de sete palmos também nos interessa. E foi movido por esse interesse que decidimos pesquisar os campos santos do Seridó. Entre fevereiro e novembro do ano de 2012, levantar às sete da manhã, colocar a câmera e a mochila nas costas, entrar no carro e pegar a estrada rumo aos cemitérios tornou-se um ritual sagrado da pesquisa. Em cada cidade, em cada cemitério, um mundo novo surgia sob nossos olhos. Estes, otimizados pelas lentes precisas das câmeras fotográficas, afinaram-se com os túmulos e com aqueles que posavam inertes no mármore em que foram aprisionados para a eternidade. Apesar das dificuldades e da força causticante do sol, conseguimos armazenar em registro fotográfico mais de 4.000 imagens. Fotos para todos os gostos: crianças, jovens, idosos, mulheres, homens, brancos, negros e, de maior importância para o presente trabalho, casais. Essa pesquisa se integra ao projeto “Cemitérios do Seridó: imagens e sensibilidades”, desenvolvido pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Todas os registros imagéticos aos quais nos referimos foram obtidos durante o ano de 2012, quando o nosso plano de trabalhos tinha como proposta visitar e registrar

fotograficamente as particularidades encontradas nos cemitérios do Seridó. Agora, em 2013, nos dedicamos à análise de todo o material recolhido no ano anterior, atentando para as sensibilidades do seridoense no trato com seus defuntos.

As imagens exercem uma função essencial dentro do cemitério: a de não deixar o morto ser esquecido, ocupando o lugar vazio deixado por aquele que se foi. Para além, a fotografia funerária é de suma importância para o estudo da cultura humana pelo fato de que explicita para os espectadores aspectos da vida e do cotidiano da sociedade em questão. Em se tratando especificamente dos casamentos, é possível enxergarmos peculiaridades dos casais do Seridó nas entrelinhas dessas representações imagéticas, como, por exemplo, a posição social do casal, as roupas utilizadas no período temporal em que o casal está inserido, dentre outras expressões. Discorrendo sobre a relevância das imagens para o historiador, Pesavento afirma que “imagens são rerepresentações do mundo elaboradas para serem vistas” (PESAVENTO, 2008: 84-88), e o importante é justamente observar como os homens se representavam, a si próprios e ao mundo, e quais os valores e conceitos que experimentavam e que queriam passar, de maneira direta ou subliminar, com o que se atinge a dimensão simbólica da representação.

A respeito da representação, nos baseamos nos estudos desenvolvidos pelo teórico Roger Chartier, pois o mesmo diz que “a representação é o instrumento de um conhecimento imediato que revela um objeto ausente, substituindo-o por uma imagem capaz de trazê-lo à memória e pintá-lo tal como é” (CHARTIER, 2002: 74). Esquecer-se de um ente querido é o mesmo que cometer um crime inafiançável aos olhos daqueles representados nos retratos. Como bem disse Chartier, a fotografia nos dá uma ideia de presença do morto retratado na imagem. As atitudes dos vivos para com os mortos se estabelecem não somente como uma forma de resguardo memorialístico, mas também como meios de “agradar” o morto, pois é como se ele estivesse vendo.

Vale frisar também que este trabalho, pautado no aporte teórico e metodológico a que chamamos Nova História Cultural, assim como também História das sensibilidades, dialoga sem receio com outras disciplinas das ciências humanas, tais como a antropologia e a arte, tendo em vista que os estudos de outros campos do

conhecimento contribuem de forma significativa para o processo de construção das pesquisas de cunho historiográfico. Como bem aconselha o sociólogo argentino Néstor Garcia Canclini, nós “precisamos de ciências sociais nômades”. (CANCLINI, 2008: 19)

Partindo dessa base teórica, visitamos os cemitérios urbanos das vinte e três cidades³ seridoenses, resultando no total de trinta e dois cemitérios contemplados pela nossa pesquisa. Cidades antigas como Caicó, Parelhas, Acari, Currais Novos, dentre outras, não raramente apresentam em seus cemitérios imagens de vidas que nasceram no século XIX e irromperam pelo XX, pessoas com traços peculiares, imponentes, trajando roupas características de seu tempo. Nesse sentido, o estudo e a análise dos registros fotográficos nos faz montar um quebra-cabeça da história cultural do espaço em questão. Alejandro Mesa, em seu estudo sobre o Cemitério Velho, localizado no Uruguai, já dizia que essas representações

podem nos contar da vida de certos personagens; sem esquecer que essas pequenas histórias estão associadas a uma história mais ampla e mais profunda, que é aquela que tenta esboçar um quadro mais completo da vida de outrora. (MESA, 2009: 12)

As fotos dos casais que figuram nas lajes marmóreas ou cerâmicas também não fogem a essa regra e acabam por expressar sentimentos e experiências de um tempo que só pode ser apreendido pelo olhar afinado do historiador. Configuram-se aqui um palco – o cemitério – e os atores que representam a trama: os casais presentes nas fotografias tumulares. Resta agora uma pergunta: o que esses casais representam? Que sensibilidades eles deixam escorrer pelos cantos da porcelana onde se encontram cravados? Será possível compreendermos as referências de determinada época através das fotografias desses casais eternizados? A história se encarrega de dar as respostas aos questionamentos levantados.

Manda quem pode, obedece quem tem juízo

³ Cidades visitadas: Acari, Caicó, Carnaúba dos Dantas, Cerro Corá, Cruzeta, Currais Novos, Equador, Florânia, Ipueira, Jardim de Piranhas, Jardim do Seridó, Jucurutu, Lagoa Nova, Ouro Branco, Parelhas, Santana do Seridó, São Fernando, São João do Sabugi, São José do Seridó, São Vicente, Serra Negra do Norte, Tenente Laurentino e Timbaúba dos Batistas.

*E assim quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama⁴*

Para compreendermos os pormenores dos casais representados nos cemitério é imprescindível elaborarmos uma discussão acerca dos matrimônios na sociedade brasileira e, em especial, na seridoense. O título deste tópico é bem sugestivo e se enquadra bem aos ditames sociais vigentes no Brasil do final do século XIX e início do XX. Como boa parte das imagens que serão analisadas a seguir são de casais que se uniram em laços matrimoniais no correr do referido período, achamos por bem registrar aqui o que era o casamento e como era o casar dessas figuras capturadas por nossas câmeras.

A obrigação era casar! O pai dizia. E as palavras que saíam da boca do patriarca caíam como uma lei autenticada pelo supremo tribunal sobre a família regida por ele. Esse era o sentimento quase geral a respeito do casamento nas famílias. A moça que não se adequasse a essa regra social estava fadada ao insucesso e ao desprezo público. Qualquer alteração dessa ordem era motivo de queixas e, em certos casos, até de ação jurídica contra aquele que infringiu a lei. Esses processos-crimes hoje servem de fonte para os historiadores que se detém à reflexão de temas como a sexualidade, marginalidade social, etc.

Numa sociedade embebida de ideais misóginos e influenciada pelas falidas perspectivas normatizadoras do Antigo Regime, a mulher era o ser que mais sofria com essas normas, sendo relegada ao único direito concedido efetivamente a ela: o de ter deveres. Além desses fatores, a vida feminina era regida pela batuta do patriarca, e quando a moçoila não acompanhava o ritmo imposto pelas partituras do imponente senhor de bigodes longos e rosto inflamado, o instrumento de regência poderia passar a ter outra utilidade menos generosa. O que devia ser perpetuado de maneira sólida era a boa imagem da família perante o público social. Uma simples mácula poderia vir a fazer ruir a estruturada vida de todos os membros da família. Del Priore, conjecturando a

⁴ Fragmento do poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

respeito do amor no Brasil, ilustra bem esse quadro ao afirmar que “nas primeiras décadas do século XX, toda a ameaça ao casamento era alvo de críticas. O tema do divórcio, por exemplo, era considerado imoral; a pior chaga da sociedade”. (DEL PRIORE, 2006, p. 246)

Contudo, devemos relativizar a abrangência dessas normas sociais, pois é sabido que desde fins do século XIX a literatura romântica vai ganhando mais e mais adeptos, e a circulação desses livros no seio da sociedade deve ser levada em consideração. Ter contato com textos poéticos fazia com que os corações imaculados dos jovens fossem tomados pelo desejo de um amor impossível, mas eterno.

Ainda de acordo com Del Priore, muitas dessas “resistências” à normatização e controle social da sexualidade através do casamento quase compulsório foram processadas no âmbito do referencial de modernidade. Esse novo modelo social que se propunha a romper com a ideia da tradição deixava indócil o ramo conservador da sociedade. Assim, toda sorte de discursos contra o pensamento modernizador foi proferida. Partindo desse ponto de vista, Del Priore adverte que

As mudanças que o novo século e a vida moderna impunham causaram, por sua vez, reações. Uma sólida barreira feita de opiniões de juristas, médicos e da própria opinião pública reagia a tudo o que pudesse ferir as instituições básicas da sociedade, sobretudo a imagem da família e do casamento. Não havia felicidade possível fora deles. (DEL PRIORE, 2006, p. 252)

Tratamos até agora do casamento e da vida no seio das famílias patriarcais, ou seja, relativamente tomadas como de elite. Os arranjos matrimoniais desse grupo geralmente eram concretizados em torno do dinheiro, do dote e, não em menor grau de importância, pela “procedência” dos noivos – ter o nome limpo era um fator essencial para a realização do casamento. Mas, em se tratando de pessoas de menor poder aquisitivo, menor prestígio social, o casamento era um sacramento que tinha o mesmo nível de relevância? De acordo com o referencial bibliográfico explorado, concluímos que no Brasil, país de forte convicção católica, o casamento era um anseio da maioria dos indivíduos, não importando sua origem ou estrato social. À mulher cabia o dever de servir ao marido, respeitando os mandos dos bons costumes, zelando sempre por sua

honra e pela do seu cônjuge. Quem nos dá nota sobre essa sensibilidade para com o matrimônio é Mariana Maluf e Júlia Mott, as mesmas afirmam que

Se o casamento representava uma etapa superior das relações amorosas, se foi proclamado garantidor da saúde da humanidade, o melhor remédio para o corpo e para a alma, e se constituía uma das maiores fontes de estabilidade social, era preciso, então, divulgá-lo e transformá-lo numa necessidade para todos. (MALUF; MOTT, 1998, p. 386)

Quem gozava de bom juízo, casava. Mas nem sempre o casamento era realizado de forma tranquila e com a aceitação de ambos os envolvidos, visto que alguns foram concretizados sob a ameaça de uma representação jurídica, quando, por exemplo, havia a comprovação de defloração. Apesar de o matrimônio ser quase uma lei social, várias formas de desvios ameaçavam esse tão sonhado sacramento. Pela moral dos bons costumes, juntar os trapos com um cônjuge era necessário. E se o pai mandava, era porque podia. E era de bom grado obedecer.

Com carinho, com afeto

*Eu possa lhe dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure⁵*

O ofício do historiador, ou de qualquer outro cientista social que atue em pesquisas de campo, requer imparcialidade no contato direto com o objeto abordado. Mas, entrar em um cemitério e não se sensibilizar com as atitudes dos vivos para com os que estão enterrados é algo praticamente impossível para um ser humano. Além do trato com as pessoas, a lida com as imagens também faz aguçar nossos sentimentos, pois acaba por nos fazer refletir sobre a certeza mais angustiante de todas: a finitude.

Nos cemitérios seridoenses é muito comum encontrarmos incrustados nos túmulos imagens do morto que representam o desfrute de momentos especiais durante os anos de sua vida, tais como aniversários, apresentações musicais, e também o casamento. O matrimônio é uma dos principais eventos representados nas fotografias funerárias. Não só o matrimônio, mas as fotos retratam o casal unido em uma

⁵ Fragmento do poema “Soneto de fidelidade”, de Vinícius de Moraes.

eventualidade qualquer – a ideia não é representar a ocasião, e sim, a união e o amor dos protagonistas da foto.

No cemitério da cidade de Jardim do Seridó, um dos mais antigos dos 32 que visitamos, encontramos num túmulo de grandes proporções a imagem de um dos casais que muito provavelmente fazem parte da história daquela cidade. O primeiro sintoma da importância desses indivíduos é a monumentalidade do túmulo. Em segundo conta o fato de que o “morador” da construção, José Tomaz de Aquino Pereira, fora um coronel. Ele e sua esposa, Dona Rita Maria Pereira de Jesus, foram consagrados com o título de “benfeitores da igreja”. Na fotografia seguinte não percebemos maiores laços de afetividade entre o casal, até pelo fato de que apesar de estarem juntos na mesma porcelana, são representados em imagens separadas. Entretanto, é possível notar a pompa com que se vestem: roupas típicas da elite do século XIX. O coronel José Tomaz nasceu no dia 1 de junho de 1839, vindo a falecer em 4 de fevereiro de 1912. Sua esposa nasceu no mesmo ano que o marido, mas veio a falecer em 4 de abril de 1931.



FIGURA 1

Fonte: arquivo pessoal dos autores

Já em outro registro fotográfico analisado, temos um contraste entre representações. Enquanto a foto anterior exhibe aspectos inerentes à elite e deixa transparecer uma ideia de frieza entre o casal – observação sintonizada com o contexto histórico do século XIX, onde as relações se valiam mais dos arranjos sociais e menos da afetuosidade – a imagem a seguir retrata um par sem identificação, vestido com roupas muito simples, mas que transmitem certa afetuosidade, a julgar pela posição do

casal na fotografia. O homem deixando escapar um leve sorriso por entre os lábios; já a mulher, concentrada, carrega no rosto os traços de uma mãe sertaneja que batalhou arduamente pela vida. A imagem exibida a seguir foi capturada no cemitério da cidade de Cerro Corá.



FIGURA 2

Fonte: arquivo pessoal dos autores

Voltando a Jardim do Seridó, encontramos uma imagem embebida de sentimentalidade e ternura. Manoel e Miguelina Medeiros protagonizam uma união que parece transcender o limite físico imposto pelo túmulo. O pequeno epitáfio contido na imagem prega: “Só a morte perpetua o ser, porque somente ela fixa os valores essenciais da vida”. O sobrenome não é o cordão afetivo que os une, e sim, o amor. Essa é a possível conclusão a que chegamos ao analisar esse casal.



FIGURA 3

Fonte: arquivo pessoal dos autores

Um diagnóstico excessivamente sensível? Talvez. Mas objetos sensíveis exigem análises sensíveis. Comprovando essa máxima, utilizamos aqui para fim de reflexão uma fotografia que explicita, nas entrelinhas de sua proposta, o exemplo de doação e cumplicidade entre um casal. O par repousa pela eternidade no subsolo do antigo cemitério da cidade de Acari, localizado no centro da cidade. Na foto não aparece o sobrenome de nenhum dos cônjuges. No lugar dos habituais nomes completos dos mortos, encontra-se a seguinte designação: “Edite de João e João de Edite”. Muito provavelmente, essa era a maneira com que as pessoas mais próximas do casal os tratavam. Mais que isso, a expressão nominal da fotografia manifesta o sentimento de pertencimento, de uma união que impossível de se eternizar em terra, se eternizou num plano além da matéria, assim como na representação imagética contida no túmulo.



FIGURA 4

Fonte: arquivo pessoal dos autores

Devemos dar nota que essas fotografias cemiteriais demonstram o ideal de representação dos vivos. Certamente, muitas imagens de casais foram alteradas. Isso se deve ao fato de que dificilmente a morte dos dois cônjuges coincide, exceto se ambos estiveram envolvidos em algum incidente que acabou por findar a vida dos dois. No último caso analisado vemos que a diferença entre a morte de João e de Edite supera os três anos – ela faleceu em 2006 e ele em 2009. Decerto, a imagem de Edite foi colocada inicialmente no túmulo. Mas por obra da morte de João, a foto de Edite fora substituída pela do casal.

Por fim, analisemos uma representação mais complexa dos casais presentes no cemitério. O conjunto fotográfico é composto pela imagem do casal acompanhada de um epitáfio que possivelmente foi escrito pelo marido. O casal em questão é Agenor Maria e sua esposa Maria Araújo de Maria, enterrados no cemitério Nossa Senhora de Fátima, na cidade de Currais Novos. O túmulo que abriga os corpos desses indivíduos conta com dimensões avantajadas, destacado pelo mármore preto contrastado pela placa dourada do epitáfio. Como nos adverte Maria Rocha, “o epitáfio tem como principal função simbólica exteriorizar os sentimentos dos familiares sobre esse momento (morte), expressando-os geralmente em poucas palavras e muito respeito”. (ROCHA, 2005: 114). Essa é a tendência natural dos epitáfios, a especificidade no caso do Agenor é que ele, o marido, escreveu à sua falecida mulher. O epitáfio diz:

Reminiscências

A minha mulher Maria

“Nega, plantamos a duas mãos, uma árvore.

*Ela nasceu, vicejou, cresceu, floresceu,
deu frutos, e morreu. Hoje é uma lembrança,
cheia de conteúdo e vida. A nossa vida!*

*Com o meu eterno e grande amor,
carinhosamente para você ler e crer.*

Agenor Maria

Currais Novos, 30 de janeiro de 1989

A imagem do casal presente no túmulo remonta a um tempo onde a cumplicidade e o amor faziam a vez de lema de vida, tanto de Maria, quanto de Agenor. Os cabelos ao vento, os olhares para o além do horizonte e o sorriso fraternal representam nitidamente a ordem do movimento. Movimento este que rege a vida, mas que também se encarrega dela a seu bel-prazer.



FIGURA 5

Fonte: arquivo pessoal dos autores

A proposta de elaborar conclusões sobre um tema de pesquisa tão abrangente e desafiador soaria como pretensiosa. Lidar com o estudo da cultura e das manifestações sensíveis do ser humano é lidar também com o conceito de processo, de transformação. Um espaço imbuído de cultura é um espaço imbuído de movimento. Mas, como podemos observar no decorrer deste trabalho, as “reminiscências” presentes nos cemitérios revelam as sensibilidades do seridoense, nesse caso, em se tratando do amor e do casamento. As imagens trabalhadas neste artigo protagonizam uma trama romântica dentro dos campos santos. Mesmo sendo um espaço carregado de certa tensão por se tratar da morada dos mortos, o cemitério desponta aqui como um palco onde as representações se apresentam continuamente.

REFERÊNCIAS

CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade**. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.

DEL PRIORE, Mary. **História do amor no Brasil**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MALUF, Mariana; MOTT, Maria Lúcia. **Recônditos do mundo feminino**. In: SEVCENKO, Nicolau (org.). **História da Vida Privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MESA, Alejandro. **¿De que nos están hablando los símbolos del cementerios Viejo?** Paysandu, Uruguay: Redicor S. A.: 2009.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História & História Cultural**. 2. Ed. 2. Reimp. – Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

ROCHA, Maria Aparecida Borges de Barros. **Transformações nas práticas de enterramentos: Cuiabá, 1850-1889**. Cuiabá: Central de Texto, 2005.